

Teatro

Mais de 50 mil alunos de todo o país já viajaram pela história do Mosteiro da Batalha nas visitas d’“O Nariz”

Encenações De norte a sul, passando pelos Açores, desde 2015 muitos milhares de estudantes ficaram a conhecer o Mosteiro da Batalha através das histórias dramatizadas pelo grupo de teatro de Leiria

Manuel Leiria

A dado momento, em “A visita do Marquês”, o nobre e um frade conversam sobre “o peixinho que vão comer. “As tantas um deles disse: ‘Vamos ali todos almoçar’; e um dos miúdos vira-se para mim e diz: ‘Oh professor, mas eu trouxe almoço, o que faço com o meu almoço?’”, recorda, divertido, Paulo Carvalho, sobre o episódio vivido no ano passado. “Eles levam aquilo mesmo a sério!”, explica o professor de História, que há oito anos leva os alunos do Colégio do Amor de Deus de Cascais a conhecerem o Mosteiro da Batalha através das visitas encenadas pel’“O Nariz”.

Faça chuva, faça sol, quase todos os dias úteis há turmas de todo o país a descobrirem a história, os espaços e protagonistas do Mosteiro através das dramatizações do grupo de teatro de Leiria. São várias centenas de alunos por semana e, no último mês de abril, superou-se a barreira dos 50 mil participantes nesta oferta do Serviço Educativo do monumento. “As visitas têm sido muito importantes na capacidade que têm tido de motivar a visita ao Mosteiro de milhares de jovens alunos, de todo o país”, frisa o diretor, Joaquim Ruivo. Pedro Oliveira, d’“O Nariz”, assinala que até dos Açores já chegou público. “Só nos falta da Madeira”.

Através do teatro, na Batalha é dada outra dimensão à matéria ensinada nas escolas, ajudando a entender a importância artística e arquitetónica deste Património Mundial da Unesco. “Com estas propostas, eles e os seus profes-



sores, sentem-se mais atraídos, mais curiosos em conhecer um monumento que é falado e estudado nos seus currículos de História”, nota Joaquim Ruivo, ele próprio docente da disciplina. Foi por isso que, há oito anos, apostou nesta oferta: “Sempre fiz teatro com os meus alunos e conheço bem o papel do teatro na capacidade que tem de encantar miúdos e graúdos, de os envolver numa certa recriação que é muito importante quando se dá a conhecer o passado”.

Pedro Carvalho, que já levou alguns milhares de alunos às visitas encenadas, confirma: “Gostam imenso. Ficam muito admirados quando veem alguém vestido à época. Para eles é uma realidade que não é normal”. Infelizmente, sublinha o professor, para muitas famílias o tempo livre é gasto “mais em shoppings e na praia”. Ali, com a ação ao vivo “é diferente”. “Os miúdos hoje em dia não vão ao teatro e quando são confrontados com isso, mesmo os mais rebeldes e traquinas, ficam calados ao ver as roupas”.



Promoção estratégica

Pedro Oliveira lembra que, em 2015, era tudo “muito experimental”. “No segundo ano começámos a perceber o impacto, quando apareceram os mesmos professores com outros alunos”. A pandemia interrompeu as visitas, mas os números já recuperaram. “Chega a haver três por dia, com frio e chuva no inverno e muito calor no verão. Por vezes precisamos de uma pausa - e disciplina - para não cair no ramerrame”. “É repetição mas não é ‘papagaio’”, garante o ator e



As visitas dão a conhecer factos sobre os vários espaços e processos construtivos do monumento, mas também sobre personagens e páginas da história. Já 12 atores participaram na interpretação de três histórias escritas por Luís Mourão. Atualmente estão ativas “A visita do Marquês” e “Eram só pedras quando tudo começou”, com João Augusto, Nuno Crespo e Pedro Oliveira, também responsável pela encenação

Batalha tem que ter “capacidade de motivar e acolher também dezenas de milhares de jovens estudantes portugueses”. As visitas encenadas são um contributo para o monumento “ser capaz de se tornar como um dos primeiros destinos de usufruto patrimonial para novas gerações de portugueses, por tudo o que ele representa”, nota o diretor.

Sugestão e nova história

A partir de Cascais, o professor Paulo Carvalho diz que encenações como esta “deviam existir noutros monumentos nacionais” e garante que continuará a trazer os seus alunos à Batalha. “Para o ano [letivo] lá estarei!”. E deixa uma sugestão: “O preço por aluno é irrisório e valia a pena cobrar um pouco mais, para ter mais intervenientes, investindo até em momentos musicais”.

Entretanto, no próximo ano letivo haverá novidades: “O Nariz” e o Serviço Educativo do Mosteiro preparam uma nova história. “A continuidade está garantida, mas não podemos descansar sobre o seu sucesso”, frisa o diretor. A terceira visita encenada responderá a algumas das perguntas mais frequentes: “Mas como é que eles construíram isto? Como é que levavam as pedras lá para cima, tão alto? Como conseguiam esculpir tão bem estes rendilhados? Como conseguiam construir estas abóbadas?”. “São questões tão simples, mas importantes, que nos fazem constantemente”. E a que o teatro d’“O Nariz” vai procurar dar resposta, antecipa Joaquim Ruivo.

manuel.leiria@regiaodeleiria.pt